

UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAINA
CURSO DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

LUANA DA ROCHA SOUSA

**HISTÓRIA E SENSIBILIDADES: QUINTO TONINI E SUAS
NARRATIVAS SOBRE O EXTREMO NORTE DE GÓIAS 1952-1958.**

ARAGUAÍNA
2016

LUANA DA ROCHA SOUSA

**HISTÓRIA E SENSIBILIDADES: QUINTO TONINI E SUAS
NARRATIVAS SOBRE O EXTREMO NORTE DE GÓIAS 1952-1958.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em História da Universidade Federal do Tocantins, para obtenção do grau de bacharelado em História.

Orientadora: Prof^a. Dra. Vera Lúcia Caixeta

ARAGUAÍNA
2016

FICHA CATALOGRÁFICA

LUANA DA ROCHA SOUSA

**HISTÓRIA E SENSIBILIDADES: QUINTO TONINI E SUAS
NARRATIVAS SOBRE O EXTREMO NORTE DE GÓIAS 1952-1958.**

Monografia apresentada ao curso de Graduação
em História da Universidade Federal do Tocantins,
para obtenção do grau de bacharelado em
História.

Orientadora: Prof^a. Dra. Vera Lúcia Caixeta

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dra. Vera Lúcia Caixeta (Orientadora)

Prof^o. Dr. Dernival Venâncio Ramos Junior (Examinador)

Prof.^a. Dr.^a. Rosária Helena Ruiz Nakashima (Examinadora)

DEDICATÓRIA

À minha mãe Lídia da Rocha Sousa e ao meu pai Sudário Pereira Sousa a quem devo tudo nesse mundo. Ao Jose Carlos Jesus que caminhou de perto comigo por mais essa conquista, a Professora Doutora Vera Lúcia Caixeta, que me incentivou quando pensei em desistir.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar a DEUS que me deu forças, saúde e sabedoria, para não desistir. À minha irmã Francisca Sousa, e ao João Guilherme, razão da minha luta. Aos meus professores que me despertou o interesse em estudar, e buscar sempre o melhor, e aos meus colegas que me incentivaram por essa conquista.

RESUMO

Este trabalho trata das paisagens subjetivas que são as grandes arquitetas da vida psíquica interior; pertencendo ao campo das sensibilidades e das representações, no desafio de compreender os sentimentos do padre italiano Quinto Tonini no exercício da sua missão no interior do Brasil. Este missionário da congregação da “Pequena Obra da Divina Providência” atuou no extremo norte de Goiás, na década de 1950. Como padre, Tonini estava inserido num projeto de reforma da Igreja católica que buscava alterar as práticas e as crenças dos leigos. Suas narrativas são tentativas de qualificar a realidade encontrada, construir representações sobre os lugares, as pessoas, enfim, de captar a vida, as crenças e os sentimentos dos habitantes locais. Percebe-se que ele não lida apenas com o passado e com o seu presente, mas também com as expectativas de futuro. No seu livro “Dom Orione: Entre Diamantes e Cristais” aparece a concepção de tempo circular, ou seja, esse diálogo entre o presente, o passado e o futuro. Grande parte das tristezas do padre está relacionada a essa percepção de impotência que o afligia diante da impossibilidade de alcançar rapidamente suas expectativas, às vezes, ele quase dúvida das possibilidades de adequação dos leigos às exigências da Igreja. De qualquer forma, na sua narrativa ele vai configurando os personagens, homens, mulheres, crianças, jovens e velhos da região. Nesse processo, ele também configura uma identidade missionária, ao revelar suas ações, mas esconder seus medos e paixões. De qualquer forma, aqui e ali brotam seus desejos, sonhos, estranhamentos e frustrações.

Palavras-Chave: Sensibilidades. Padre Tonini. Crenças.

ABSTRACT

This work deals with the subjective landscapes that are the great architects of the inner psychic life; Belonging to the field of sensibilities and representations, in the challenge of understanding the sentiments of the Italian priest Quinto Tonini in the exercise of his mission in the interior of Brazil. This missionary from the congregation of the "Little Work of Divine Providence" worked in the extreme north of Goiás in the 1950s. As a priest, Tonini was involved in a project of reform of the Catholic Church that sought to alter the practices and beliefs of the laity. His narratives are attempts to qualify the found reality, to construct representations about the places, the people, finally, to capture the life, the beliefs and the feelings of the local inhabitants. One realizes that it does not only deal with the past and its present, but also with the expectations of the future. In his book "Don Orione: Between Diamonds and Crystals" appears the concept of circular time, that is, this dialogue between the present, the past and the future. Most of the priest's sorrows are related to this perception of impotence that afflicted him in the face of the impossibility of reaching his expectations quickly, and at times he almost doubts the possibilities of the lay people's adaptation to the demands of the Church. Anyway, in his narrative he will configure the characters, men, women, children, young and old of the region. In this process, he also configures a missionary identity by revealing his actions but hiding his fears and passions. Anyway, here and there sprout your desires, dreams, strangers and frustrations.

Keywords: Sensitivities. Priest Tonini. Beliefs.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 SENSIBILIDADES DE UM PADRE NO EXTREMO NORTE DE GOIÁS: SENTIMENTOS E RESSENTIMENTOS DE QUINTO TONINI.....	15
2.1 Reações à Festa da Padroeira.....	20
2.2 Indignação do Missionário Frente a Situação de Pobreza Econômica e Religiosa na Região	24
2.3 As profecias do fim do mundo: a feiticeira do bosque e o negro do dilúvio	26
3 OS RESSENTIMENTOS DO PADRE QUINTO TONINI: O COMBATE AOS PROTESTANTES E SEU EXÍLIO	30
3.1 O Combate aos Protestantes	30
3.2 O exílio: Os Ressentimentos do Padre Quinto Tonini	32
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho trata das paisagens subjetivas que são as grandes arquitetas da vida psíquica interior; pertencendo ao campo das sensibilidades e das representações, no desafio de compreender os sentimentos do padre Quinto Tonini no exercício da sua missão no interior do Brasil.¹ Este missionário italiano da congregação da “Pequena Obra da Divina Providência” atuou no extremo norte de Goiás, na década de 1950 e através de suas narrativas revela a região e a atuação dos missionários. Como padre, Tonini estava inserido num projeto de reforma da Igreja católica que buscava alterar as práticas e as crenças dos leigos. Suas narrativas são tentativas de qualificar a realidade encontrada, construir representações sobre os lugares, as pessoas, enfim, de captar a vida, as crenças e os sentimentos dos habitantes locais.

Ao ler suas narrativas, buscamos olhar para esses vestígios do passado e perceber os sentimentos do narrador ou, nas palavras de Alan Corbin, “reconstituir o sistema de representações e, por conseguinte, de apreciação/valorização do mundo” (apud LANGUE, 2006, p.24). Assim, a análise das “paisagens sensíveis”, como proposto por Corbin, passa por uma leitura mais cuidadosa, observação atenta e inédita de acontecimentos que já foram analisados numa outra perspectiva (Apud LANGUE, 2006, p. 25). Também para Sandra Pesavento, (2010, p.25), tempos e espaços comportamentos e valores podem “formular possibilidades de compreensão das sensibilidades, emoções e estados d’alma”. Nessa perspectiva, cabe ao pesquisador “tecer relações entre o visto e o não visto, mas trazido à tona pela evocação” (PESAVENTO, 2010, p.25).

Nesse processo de “tecitura” do passado em diálogo com o presente cabe ao historiador selecionar, explicar e compreender seu objeto de estudos, recortado no tempo e no espaço. Os padres italianos que se estabelecem no antigo norte de Goiás são incentivados a escrever para os seus superiores no Rio de Janeiro e na Itália. As cartas e os missionários circulam, levam e trazem informações. Porém, Tonini se impõe uma rotina de escrita, na sua máquina Olivetti, ali constrói sua

¹ Pe. Quinto Tonini nasceu em Fortalí, Itália aos 04-06-22. Entrou em Tortona em 1936. Foi ordenado em 1950. Veio ao Brasil 07-12-51. Chegou a Goiás em 1952. Em agosto de 1955 foi nomeado Administrador Apostólico da Prelazia e renunciou 25-6-59. Ver: POLI, Genésio. *Os Filhos de Dom Orione no Brasil*. Op. Cit. p.23.

narrativa acerca da experiência vivida nas áreas urbanas e rurais da região, viajando a cavalo, dormindo em redes, celebrando, confessando, distribuindo os sacramentos aos fiéis católicos.

A partir da leitura desses relatos, o historiador percebe que não lida apenas com o passado e com o seu presente, mas também com as expectativas de futuro do narrador. No seu livro aparece essa concepção de tempo circular, ou seja, esse diálogo entre o presente, o passado e o futuro. Grande parte das tristezas do padre está relacionada a essa percepção de impotência que o afligia diante da impossibilidade de alcançar rapidamente suas expectativas, às vezes, ele quase duvidava das possibilidades de adequação dos leigos às exigências da Igreja. De qualquer forma, na sua narrativa ele vai configurando os personagens, homens, mulheres, crianças, jovens e velhos da região. Nesse processo, ele também configura uma identidade missionária, ao revelar suas ações, mas esconder seus medos e paixões. De qualquer forma, aqui e ali brotam seus desejos, sonhos, estranhamentos e frustrações.

Nesse sentido, os vestígios do passado ou as fontes históricas, são compreendidos como representações, construídas em outro tempo e lugar, cabendo ao historiador, trabalhar sobre o passado já representado. Assim, atentamos para a subjetividade de um padre que busca interpretar as vivências dos leigos no extremo norte de Goiás, a partir dos seus referências masculinos, eurocêntricos, etnocêntricos, católicos etc.

Para Diva Muniz (2010, p.69), produz-se a partir dos anos 1980-1990, no campo da história, um redimensionamento para a cultura, para a leitura do mundo como representação. Enfim, observa-se a “construção de um novo olhar no campo, com espaços abertos para pensar a diferença e operar a inclusão dos excluídos” da História. Como fonte da subjetividade, as paisagens do mundo interior podem apontar caminhos para dentro da alma do autor (SANTOS, 2012, p. 243).

Roger Chartier (2006), ao questionar a existência da “nova” história cultural, expressão atribuída a Lynn Hunt; explicita que uma questão que mobilizou a nova história cultural foi, justamente, as relações entre a cultura popular e cultura erudita, principalmente, nos trabalhos sobre religião. Porém, segundo o autor, as pesquisas em história cultural levaram a recusar distinções tão categóricas.

Para Chartier (2006, p.37) a questão a ser enfrentada pelos historiadores não é, pois, datar o desaparecimento irremediável de uma cultura dominada, mas

compreender como, em cada época, se tecem relações complexas entre formas impostas, mais ou menos aceitas, e identidades salvaguardadas, mais ou menos alteradas. Assim, o referido autor chama atenção para as relações as práticas culturais impostas com sua recepção:

A força dos modelos culturais dominantes não anula o espaço próprio da sua recepção. Existe sempre uma distância entre a norma e o vivido, o dogma e a crença, os mandamentos e os comportamentos. É nessa distância que se insinuam reformulações e desvios, apropriações e resistência. Pelo contrário, a imposição de disciplinas inéditas, o inculcar de novas submissões, a definição de novas regras de comportamento deve sempre compor ou negociar com representações enraizadas e tradições partilhadas (CHARTIER, 2006, p.38).

Também Chartier (2006, p.39) ao tratar dos discursos e das práticas, como objetos de análise dos historiadores culturais sublinha os limites do que é possível “pensar, dizer e fazer”. Em suas palavras:

O objeto fundamental de uma história que visa reconhecer a maneira pela qual os atores sociais dão sentido às suas práticas e aos seus enunciados situa-se, portanto, na tensão entre, de um lado, as capacidades inventivas dos indivíduos ou das comunidades e, de outro, as restrições e as convenções que limitam - com mais ou menos força segundo as posições que ocupam nas relações de dominação - o que lhes é possível pensar, dizer e fazer (CHARTIER, 2006, p.39).

Atenta-se, então, para a necessidade de articular as posições e relações sociais com o modo como indivíduos inseridos nos seus grupos sociais se concebem e concebem os outros. Ora, Tonini é um padre italiano e, certamente, não foi fácil embarcar para o Brasil, em meados do século XX e, sobretudo, dedicar-se à missão no antigo norte de Goiás. Ele enfrentou desafios relacionados ao clima, a alimentação, às dificuldades com a língua e aos “costumes”. Nesse “novo mundo”, ele teve confrontos e encontros, estranhamentos e reconhecimentos tanto entre os próprios missionários e quanto na sua relação com os leigos.

Quanto ao cenário dessa pesquisa trata-se do extremo norte goiano e buscarei aqui rapidamente localizá-lo. Ele está situado entre os Estados do Pará e Maranhão e é banhado pelos rios Araguaia e Tocantins. Toda a região foi incluída nas políticas públicas nacionais a partir da década de 1950. Em 1953 foi criada a Superintendência do Plano de Valorização da Amazônia e, pelo Decreto de agosto de 1953 definiu-se a Amazônia Legal, que incluía o norte do Estado de Goiás na

Amazônia e na órbita do capital. Para tal necessitava-se ocupá-la, povoá-la e colonizá-la. Com tais objetivos foram criados os Bancos do Nordeste e o Banco de Crédito da Amazônia. Esta região, até então, distante dos principais centros de poder político e econômico do país, iniciava lentamente, sua inclusão nas políticas de integração nacional. Para tal, colaboraram os missionários da “Pequena Obra da Divina Providência”.

Nesse processo de interpretação das experiências passadas no diálogo com o presente, buscamos perceber as justificativas da referida congregação religiosa para instalar-se no extremo do antigo norte de Goiás. Seus argumentos são explicitados de forma a projetar a imagem de Dom Orione. Assim, inspirados no seu antigo desejo de conversão e condução das almas dos índios e dos sertanejos para a formação do verdadeiro rebanho católico, eles instalam-se no extremo norte de Goiás na década de 1950.

Porém, é preciso dizer que essa congregação aderiu ao esforço da reforma, no sentido de alterar as práticas e crenças dos católicos. Ressalta-se também que a chegada dos primeiros italianos completa um ciclo de ocupação do espaço religioso goiano, iniciado no final do século XIX, pelas Congregações estrangeiras europeias.² A paróquia de Tocantinópolis, destinada à Nossa Senhora da Consolação, no extremo norte de Goiás, foi a última grande área de expansão religiosa católica, em Goiás.³ Eles vieram a convite do bispo dominicano de Porto Nacional, D. Alano Du Noday (1936-1976).

A Dom Orione é atribuída um forte espírito missionário. Como herdeira desse espírito, sua congregação chega aos confins do Brasil, no início dos anos de 1950. Até aquela década a paróquia de Tocantinópolis era a única existente no extremo norte e ficou por meio século sob a direção do Pe. João de Souza Lima (1897-1947). Em 1952, aquele espaço da paróquia pertencente anteriormente à Diocese de Goiás (1745-1915) e de Porto Nacional (1915-1954) foi entregue aos

² A Congregação “Pequena Obra da Divina Providência” foi fundada na Itália, no final do século XIX, por Dom Luís Orione (1872-1940). Seus primeiros contatos com o Brasil foram feitos através de correspondências com Dom Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana. Em 1914 Dom Orione enviou seus primeiros sacerdotes ao Brasil, para o interior de Minas. A partir da sua fixação no interior aquela Congregação expandiu-se para o Rio de Janeiro, São Paulo e Santos. Ver: POLI, Genésio. *Os Filhos de Dom Orione no Brasil*. São Paulo: s.ed. 1986.

³ No extremo norte de Goiás foi destinada uma área de 42.000 km² à Congregação “Pequena Obra da Divina Providência”.

cuidados da Congregação “Pequena Obra da Divina Providência” e pouco depois elevada à Prelazia de Tocantinópolis (1954), assumida por Quinto Tonini (1956).

Inspirado no sonho de tornar-se missionário, Quinto Tonini além de padre forma-se em enfermeiro. Ele nasceu em Rimini, na Itália, em 4 de julho de 1922. Entrou na Congregação “Pequena Obra da Divina Providência” em 1936, na cidade de Tortona. Fez teologia em Gênova e ao mesmo tempo cursou Enfermagem, com especialização em assistência em cirurgia. Ordenou-se sacerdote em 29 de junho de 1950. Em novembro de 1951 foi enviado ao Brasil, junto com o padre Egídio Addobati, padre André Alice e o irmão José Serra.⁴ Os três últimos iniciaram a missão em Tocantinópolis e Tonini ficou no Rio de Janeiro para aprender a língua portuguesa. A inserção de Quinto Tonini na missão foi antecipada para o início de fevereiro de 1952, devido ao falecimento do padre Egídio e do irmão Serra, afogados no Rio Tocantins.⁵

Nas suas narrativas, Tonini se auto-representa como missionário. Ele ressalta o apoio do bispo dominicano D. Alano Du Noday e do superior da missão, o padre André Alice. O historiador da Igreja Rioldo Azzi (2008, p.58) atenta que os discursos católicos sobre os missionários sempre foram os mais elogiosos possíveis. Ressalta-se seu espírito de sacrifício e sua dedicação total à salvação das almas. Eles são representados como heróis e como mártires da fé. Em suas palavras:

Com relação ao espírito de sacrifício, destacam-se a separação da família e da pátria, as perigosas viagens por rios e florestas, as precárias condições de vida com relação ao clima, habitação e alimentação. É enfatizado o risco dos ataques de animais ferozes, bem como a fadiga, a doença e a difícil convivência com os selvagens (AZZI, 2008. p.58).

Certamente, apesar da proximidade da paróquia de Nossa Senhora da Consolação de algumas tribos indígenas, o contato dos padres com os “selvagens”

⁴ Dos três primeiros missionários, apenas padre Egídio, o mais velho e superior da missão, falava o português, os outros dois eram jovens e alegres, mas não falavam nossa língua. Ver: FOLI, Teresinha de Jesus Nóbrega. *Mosaíco de uma História*. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2001. p.93.

⁵ O velho Crispim, canoero encarregado do transporte de passageiros, no trajeto Tocantinópolis-Porto Franco se dispôs a fazer a travessia dos missionários mesmo armando um forte temporal, já no meio do rio a chuva caiu, a canoa virou e o Padre Egídio e o Irmão Serra faleceram. Padre Alice, o barqueiro e seu ajudante salvaram-se agarrados nas bordas da canoa. Também na ata do Apostolado da Oração de fevereiro de 1952, encontramos “Antes de encerrar a reunião dirigiu-nos o nosso Rvmo. Pe. Diretor algumas palavras de sentimentos sinceros relativamente a morte prematura dos inesquecíveis missionários: Pe. Egídio e Irmão José (...) Agora, estando junto de Deus, serão os nossos intercessores ajudando-nos alcançar as graças das quais temos necessidades para conseguirmos a nossa eterna salvação. Ver: ATAS DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO DE TOCANTINÓPOLIS, mês fevereiro, 1952, p.23b.

aconteciam esporadicamente, por ocasião das viagens de “desobrigas”. A preocupação fundamental era com os “civilizados”. De qualquer forma, por ser uma região de missão indígena, em 1954, a Paróquia de Tocantinópolis foi elevada a Prelazia, pela Bula papal “Céu Pastor”, de Pio XII. Pe. Quinto Tonini foi nomeado Administrador Apostólico da Prelazia em 1956, cargo que ocupou até 1959, quando se retirou da missão e foi para o Uruguai.

Nossa fonte principal é o livro do padre Quinto Tonini “*Dom Orione: Entre Diamantes e Cristais*” que trata das experiências vividas pelos missionários católicos no extremo-norte goiano, entre 1952-58. Ele procurou apropriar-se e significar a região, elaborando representações sobre ela. Essa construção da realidade é fruto do olhar de um jovem padre italiano que vive a experiência do exílio. Por isso, aponta os desafios enfrentados pelos missionários, sublinha a dificuldade de adaptação numa outra cultura, acrescida pelo calor dos trópicos e pela precariedade dos meios de transporte e comunicação. Por fim, estabelece quem são os “inimigos”, em nome da sua congregação religiosa, e as estratégias utilizadas para aumentar o número e a “qualidade” dos fiéis católicos. Na sua concepção, tudo estava por ser feito, o passado de “erros” deveria ser varrido e um futuro estaria sendo construído pelas mãos dos missionários.

No primeiro capítulo tratamos dos sentimentos e ressentimentos do Padre Quinto Tonini com relação aos leigos. Já no segundo capítulo abordamos os sentimentos e ressentimentos do padre com relação aos protestantes e aos superiores da sua Congregação religiosa.

2 SENSIBILIDADES DE UM PADRE NO EXTREMO NORTE DE GOIÁS: SENTIMENTOS E RESSENTIMENTOS DE QUINTO TONINI.

A religião era vivida na superfície; bem poucos sabiam defender as suas ideias. Os contatos semanais, através da missa, que além de tudo não compreendiam, as gotas do catecismo, eram muito pouco para um povo na idade da puberdade espiritual, período em que têm necessidade de sólidos alimentos e profundos princípios (TONINI, 1996, p.106).

Este capítulo tem por objetivo analisar as sensibilidades de um padre, ou seja, os sentimentos do padre Tonini na missão. Percebe-se através das disputas dentro do “campo” religioso católico a partir da sua chegada no extremo norte de Goiás, em especial, sua contestação às práticas e crenças dos católicos/ leigos. Para alcançar nossos objetivos, elaboramos alguns questionamentos, como por exemplo, como se definiu o “campo” religioso católico, na época da chegada da Congregação da Pequena Obra da Divina Providência? Que percepções particulares desse grupo informam suas leituras sobre o extremo norte de Goiás? Quais as motivações dos missionários, para agir sobre a realidade encontrada? Quais os sentimentos/ressentimentos do padre Tonini expressos em suas narrativas? Como essas representações também revelam a identidade do missionário?

Ora, como já assinalou Pesavento (2010), “sentir é uma forma de conhecer, é o que é dado a ver e o que pode ser visto de forma indireta”. Certamente, as sensibilidades combinam razão e sentimento, estão ligadas, segundo ela, ao que vemos, experimentamos e lembramos (PESAVENTO, 2010, p.24-25). Assim, as sensibilidades estão no cerne das representações e trazem esse *olhar oblíquo* sobre a realidade aparente, tecendo relações entre o visto e o não visto, o visível, o legível e o invisível. As sensibilidades dariam, para a autora, acesso a outro tempo e a um outro, no tempo (PESAVENTO, 2007). Por meio das sensibilidades o historiador faria sua tradução dos homens no tempo.

Nosso objeto de pesquisa situa-se, portanto, na história cultural das religiões. Para tanto, faz-se necessário tecer algumas considerações sobre religião e religiosidade. O *Dicionário Aurélio Eletrônico- Século XXI*, assim define esses termos:

Religião. Crença na existência de uma força ou forças sobrenaturais, considerada (s) como criadora (s) do Universo, e que como tal deve (m) ser

adorada (s) e obedecida (s). A manifestação de tal crença por meio de doutrina e ritual próprios, que envolvam, em geral, preceitos éticos *Religiosidade*. Qualidade do religioso. Disposição ou tendência para a religião ou as coisas sagradas. Escrúpulos religiosos.

Um dos primeiros sociólogos a se interessar pelo estudo das religiões foi Émile Durkheim. Este estudioso francês tentou encontrar explicações para a crença na existência de seres espirituais, no seu livro *As formas elementares da vida religiosa* no qual considera a religião mais ou menos nos termos acima propostos, acentuando os aspectos ligados ao sagrado, à crença, ao ritual e aos preceitos éticos, para um conjunto de fieis que partilham dos mesmos e, por isso, constituem uma igreja. Para Durkheim (1996, p.7) não há religiões falsas, ou seja, “Todas são verdadeiras a seu modo: todas correspondem, ainda que de maneiras diferentes, a condições dadas da existência humana”.

Porém, como assinala o antropólogo Maués (2006, p.13), se em Durkheim a separação entre religião e magia é significativa, hoje, essa atitude preconceituosa se manifesta hoje no costume de chamar de “religiosidade”, à religião dos outros. Assim, não se agride frontalmente o outro, chamando sua religião de magia, mas recusa-se lhe conceder o estatuto de religião, atribuindo-lhe uma inferioridade, ou produto de “superstição”, vocábulo também etnocêntrico utilizado por quem se considera seguidor da “verdadeira” religião e “verdadeira” fé. Assim, para essas pessoas elas têm a verdadeira religião, enquanto os outros, especialmente os humildes possuem a religiosidade.

Para Maués (2006, p.14), a distinção entre sagrado e profano encontra-se em todas as sociedades humanas. Geralmente, o sagrado está naqueles elementos ligados a entidades sobrenaturais e objetos a elas relacionados, que são mantidos como interditos e separados, normalmente objetos de respeito e de culto. Já o profano, como contrário de tudo isso, refere-se aos seres e objetos da vida cotidiana, aquilo que é comum, que é corriqueiro. Essa distinção está na base da origem da religião e da magia, como revela Durkheim.

Por outro lado, como afirma Maués (2006, p.14), a religião e a magia têm a ver com sentimento – daí para muitas religiões, a virtude primordial é o amor -, sentimento esse que é exacerbado nas manifestações coletivas. Essas reflexões me remeteram para a festa de Nossa Senhora da Consolação, padroeira de Tocantinópolis. Momento em que os chamados “excessos” de devoção ficam visíveis

e sofrem sérias condenações por parte do padre Tonini. Porém, como questiona Maués (2006, p.15), não seria próprio da festa religiosa católica as exacerbações das emoções e do apelo ao lúdico? E ainda "o esforço controlador que a Igreja Católica, como instituição, exerce no sentido de disciplinar a festa, não é próprio também deste mesmo jogo de ações, reações e contra-ações que mantém vivo o catolicismo na cultura popular? ”.

Por fim, Maués (2006, p.15) defende que existe uma tensão constitutiva do catolicismo entre as instâncias populares e oficiais, dessa forma concreta de religião no meio social. Porém, a despeito da permanente tensão entre elas, essas instâncias são complementares entre si, uma não podendo existir sem a outra, ou seja, como na festa de Nossa Senhora da Consolação, o sagrado e profano, estão presentes e se retroalimentam.

O acontecimento da chegada dos missionários italianos no extremo norte de Goiás está registrado na reunião do Apostolado da Oração, do dia 13 de janeiro, o bispo D. Alano Maria de Noday, da Diocese de Porto Nacional, fez as apresentações: "(...) com palavras de generosidade e de santo e filial afeto, apresentou ao Apostolado da Oração os fiéis missionários de Cristo, que mandados pela Providência Divina, deixaram suas famílias e vieram unicamente para nosso bem corporal e espiritual etc." (ATA DA REUNIÃO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO, TOCANTINÓPOLIS, 13 de janeiro, 1953). Em seguida o bispo retornou para Porto Nacional deixando entre eles o sacerdote dominicano Antônio Klaus, que desde 1948, respondia pela paróquia Nossa Senhora da Consolação.

As primeiras experiências dos missionários da Pequena Obra da Divina Providência na região, logo sinalizaram para algumas dificuldades na realização de seu projeto. Os missionários constataram que só disposição e boa vontade não bastavam. Dificuldades de transporte e comunicação; poucos recursos e pessoal reduzido para dar conta de uma extensa área foram apontados como problemas que precisavam de soluções urgentes e assim escreveram para o Provincial, no Rio de Janeiro. Padre Egídio, o superior da missão, transmitiu suas impressões e pediu ajuda: "mais missionários para a messe". Em suas palavras, "pensai que para a cura espiritual de todo esse imenso território somos apenas dois sacerdotes". (REVISTA DA PEQUENA OBRA DA "DIVINA PROVIDENCIA", Rio de Janeiro, Vol. VI, n.37, jun/1962, p.12).

Na sua carta padre Egídio relatou a seus superiores os desafios e as possibilidades daquele empreendimento. Desafios relacionados à adaptação a vida numa outra cultura, com a ausência dos serviços essenciais: sem pão, sem vinho, sem cama para dormir e tendo que se adaptar a um calor infernal: “bebemos a água turva do rio; desde a nossa chegada a Porto Nacional demos adeus à cama, o nosso físico está fazendo as inevitáveis reações ao clima tórrido, não há médicos nem hospitais” (REVISTA DA PEQUENA OBRA DA “DIVINA PROVIDENCIA”, junho de 1962. Ano VI, n.37 p.12). Muito teria que ser feito, mas certamente sentiam que estavam numa região onde a presença da Igreja seria fundamental para a vida daquelas pessoas.

O historiador da Igreja, Riolando Azzi atentou que era normal que os missionários católicos iniciassem suas missões, não diretamente estabelecendo-se entre os índios, mas nas franjas do território já povoado pelos brancos. Foram, contudo, nos “limites entre a civilização e a selva, que se estabeleceram as missões (...)”, certamente que “o trabalho de catequese dessa população, socialmente desamparada, acaba absorvendo as atividades dos sacerdotes. (...) o contato com as tribos indígenas passa a ser feito apenas esporadicamente, por ocasião das viagens de “desobriga” (AZZI, 2008, p.57).

Ao pedir reforços para a missão padre Egídio reconhecia a impossibilidade daquele projeto frente às exigências locais. Ao dizer que ali não havia médicos nem hospitais, acenava ao Provincial que enviasse rapidamente o Pe. Tonini (TONINI, 1996) Este padre formado em enfermagem havia chegado ao Rio de Janeiro no início de dezembro de 1951, junto com aqueles que foram enviados para abrir a missão, contudo, ele deveria ficar na “retaguarda” esperando ser convocado. Mas Tonini desejava entrar logo na missão, em suas palavras: “Quem chega da Itália com as malas cheias de quinquilharias, com o coração ansioso de liberdade e de conquista, sonha com a mata, os índios, como o sequioso sonha com a água. A espera parece-lhe uma tortura inútil.” (TONINI, 1996, p.17). Contudo, o confronto entre a leveza da expectativa, o sonho de antecipação de um futuro com o peso da experiência se dá quando o missionário entra na missão.

Como aqueles três missionários não encontraram selos para suas cartas em Tocantinópolis resolveram atravessar o rio Tocantins e procurá-los em Porto-Franco, na margem direita, que pertencia ao Maranhão. Ao retornar de Porto Franco, no fim da tarde do mês de janeiro foram surpreendidos por um temporal, que levou a vida

do superior da missão e do irmão. Na ata da reunião do Apostolado da Oração de Tocantinópolis, de 03 de janeiro, de 1952 foi registrado “antes de encerrar a reunião dirigiu-nos o nosso Revmo. PE. Diretor [PE. Antonio Klaus] disse ainda algumas palavras de sentimentos sinceros relativamente à morte prematura dos inesquecíveis missionários, Ramos. Srs. Pe Egídio e o Irmão José” (ATA DA REUNIÃO DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO. Tocantinópolis, 03 de fev /1952). No periódico a *Fátima Brasileira*, mantido pelo santuário Nossa Senhora do Rosário de Fátima, no Rio de Janeiro, encontramos uma homenagem ao primeiro aniversário dos missionários mortos.

Neste mês de janeiro, cumpre-nos o doloroso dever de assinalar o primeiro aniversário da passagem para melhor mundo dos nossos primeiros Missionários em Goiás: Padre Egídio e o irmão leigo Serra. Dois bravos Missionários da Congregação que haviam partido para o interior da terra, em companhia do padre Alice, com os corações exultantes de alegria, pelas almas que conquistariam para Deus, pelo bem que difundiriam entre tantos irmãos ainda vivendo de forma primitiva. Dois heróis que, na ânsia de postular a caridade, sempre a caridade, pereceram de forma trágica, tragados pelas águas do Rio Tocantins (A FATIMA BRASILEIRA. Janeiro de 1953. Ano XI, n. 79. p.8).

Esta experiência dolorosa, dos primeiros missionários no extremo norte de Goiás, marcaria o início da missão, fez-se deles os mártires da missão. Nos periódicos da Congregação aquele acontecimento tantas vezes “comemorado” para lembrar que a obra da missão foi edificada sobre o sangue das vidas ofertadas. De qualquer forma, aquele acontecimento serviu para mobilizar tanto os superiores quanto os sacerdotes da Congregação para o empreendimento no coração do Brasil como destaca o próprio Pe. Tonini: “Passados os primeiros momentos de tristeza e consternação todos compreenderam como as grandes obras tem necessidade da dor e das vítimas em sua fundamentação (TONINI, 1996, p.16).

A experiência do Pe. Remígio Corraza, primeiro pároco de Araguaína, é significativa de como acontecia o “recrutamento” dos padres para participar das “missões”. Ele registrou que em julho de 1953, na Itália, apenas recebeu a notificação de que seria trazido para a América Latina. Como sacerdote ele devia obediência aos superiores. Em suas palavras: “Na época todos preferíamos e esperávamos que fosse Chile, Uruguai e Argentina. Brasil? Nem tanto” (CORRAZA, 2000, p.34). Mas, quando o navio atracou no porto do Rio de Janeiro o Provincial

“gritou a sentença: _ Betiol, Renaudo, Pedro, Pacífico, Condoni, Remígio, tragam suas malas ao descer. Os demais prosseguirão. ” (CORRAZA, 2000) alguns dias depois, alguns deles entravam na região:

Uns breves dias no Rio de Janeiro e embarcamos num Douglas da FAB com destino a Tocantinópolis. Sede da primeira Missão Orionita, a centenária cidade, situada na margem esquerda do rio Tocantins, era o maior centro político do Norte de Goiano. Durante três dias ficamos “de molho” naquela cidade, que mais parecia um caldeirão, tamanho era o calor. Meus dois companheiros, padres Pacífico e Betiol ali permaneceram, enquanto eu fui destinado a Filadélfia, no extremo Sul da Missão. [...]

Padre Bártoli, o Provincial, juntamente com o padre Tonini e eu subimos de barco o rio até Babaçulândia, novo reduto do Pe. Tonini, grande companheiro de luta indômita. O Provincial partiu depois de alguns dias com destino à sede da província Orionita, no Rio de Janeiro (CORRAZA, 2000).

Vindos da Europa os missionários tiveram que enfrentar enormes desafios. Padre Remigio atentou que “ambientar-se é sempre difícil. Mais ainda para um forasteiro. Imaginem quando se trata de um estrangeiro” (CORRAZA, 2000, p.26). Os desafios foram desde a necessidade de adaptar-se minimamente numa outra cultura, distante dos padrões europeus de civilização, distantes dos grandes centros e dos seus superiores hierárquicos; até as privações cotidianas, sem estradas nem automóveis, tiveram que aprender a andar a cavalo e navegar em canoas; sem cama aprenderam a dormir em redes; sem o pão o substituíram pelos produtos da terra e sem o frio tiveram que adaptar-se ao sol e ao calor equatorial. Todos os sofrimentos e privações deveriam ser enfrentados em nome de um projeto maior: a conquista espiritual do vale do Tocantins.

2.1 Reações à Festa da Padroeira

Os chamados “filhos de Dom Orione” chegaram ao extremo norte de Goiás, no início da década de 1950 e trouxeram consigo suas referências culturais e principalmente as de sua congregação religiosa que aos poucos foram sendo implantadas: “perceber, ouvir, planejar e agir”, (TONINI, 1996) O livro do missionário Quinto Tonini narra a trajetória dos primeiros missionários orionitas no norte goiano no período de 1951 a 1958, eles representaram a terra de missão como uma terra marcada pela pobreza, doenças, e mais ainda, pelas dificuldades de comunicação, pois a capital estadual ficava muito distante e o transporte era precário. Padre

Quinto Tonini registrou os hábitos das pessoas com quem conviveu e que considerava estranhas. No prefácio do livro demonstra preocupação com as pessoas do lugar:

Para que o livro possa ser lido também na missão, onde ainda estão vivos muitos protagonistas. Somente uma coisa deve continuar inalterada: a historicidade dos acontecimentos, descritos com fidelidade, a mais escrupulosa possível (TONINI; 1996.p.8).

Em fins de janeiro de 1952, padre Tonini, recebeu a notícia da morte do padre e teve que viajar para o extremo norte para substituir o amigo Egídio. Começou assim a trajetória de Pe. Tonini, que mesmo sem conhecer a língua pegou o avião com destino à Carolina, ao convento dos capuchinhos, e de lá seguiu para Tocantinópolis, após receber instruções do bispo D. Alano Du Noday: “Abra logo escolas para enfrentar os protestantes. [...] faça grandes catecismos, organize associações... e outras coisas” (TONINI, 1996, p.20).

Um território habitado por uma diversidade cultural, em que os modos de viver eram muito diferentes dos modos italianos. Um grande estranhamento aparece nas páginas do livro. Aos poucos, prédios religiosos erguidas, entre eles o de Araguaína e Babaçulândia e logo depois, a instalação de escolas paroquiais, além da catequese e organização de grupos de orações e associações religiosas.

Em Tocantinópolis, no extremo norte de Goiás, sede da missão dos “orionitas” comemora-se a principal festa da cidade, a da padroeira Nossa Senhora da Consolação, nos dias 6 a 15 de agosto. A festa incluía novena, leilões, barracas e foguetório. Padre Quinto Tonini estranha, pois, a existência de foguetes, músicas, bebedeiras, jogos durante a novena da padroeira. Aquilo não lhe parecia uma solenidade cristã (TONINI, 1996, p. 43).

De acordo com a memorialista local, Aldenora Correa, em seu livro “*Boa Vista do Padre João*”, cada noite tinha os responsáveis pela novena. Historicamente, a primeira noite era das meretrizes, pois o padre João de Sousa Lima, primeiro pároco de Tocantinópolis (1895-1947) dizia que essas mulheres deveriam também cultivar a Virgem, as meretrizes respondiam com entusiasmo, lavavam a Igreja, areavam castiças, forneciam velas, e depois enfeitavam tudo com flores (CORREIA, 1974, p. 65).

A festa na visão do padre Quinto Tonini, parecia mais uma solenidade mais pagã do que religiosa, uma desordem com as filas de barracas, bebidas alcoólicas, música, foguetório. Uma solenidade que não o agradou. Tonini condenava que aquele cristianismo de uso pessoal que ia do batismo ao altar de Santo Antônio, aquelas procissões tradicionais, com capas e véus, ostentando imagens encaroçadas, estandartes empoeirados, pálios rasgados, condenava as festas e festejos da época, que de sagrado só tinha a Benção Eucarística e que terminava quase sempre em festas dançantes (TONINI, 1996, p.71). O Missionário não entendia a devoção popular com suas festas danças e músicas, para Tonini o sagrado e o profano não poderiam conviver na mesma unidade. A festa, a dança o canto, o som de violas são formas pelas quais se materializam a devoção inequívoca, unindo os alimentos sagrados e profanos (GALVÃO, 2008, p.34).

Porém, D. Alano, bispo dominicano, dessa imensa região, tentou contemporizar afirmando que é não adiantava tentar arrancar esses abusos de uma vez, numa sociedade que está tão enraizada a festa, a dança, o modo de praticar da solenidade. Enfim, ele tentava mostrar para o jovem e impetuoso missionário que era necessário negociar com as tradições locais e não querer tudo condenar.

Certamente, a festa é um rito coletivo uma forma de comunicação com o sagrado, é transmitida de geração para geração, todavia o que alimentava a fé eram as devoções aos santos. Tonini percebe que os católicos davam pouca atenção às práticas litúrgicas “em detrimento dos bailes, dos fogos, das penitências, das promessas e do comércio (SILVA, 2008, p.144).

De acordo com a memorialista católica Aldenora Correia, as expressões religiosas tanto da Festa da Padroeira e do Divino estão impregnadas da religiosidade dos católicos. Podemos dizer que é uma forma específica dos fiéis católicos de se relacionarem com o sagrado. Certamente, uma aproximação entre o sagrado e o profano presente nas próprias, elas representam essa relação entre promessas e esmolas ofertadas na tentativa de receber os favores almejados. Segundo Aldenora Correia, os fiéis acreditavam no benefício de que o santo retribuía a esmola ofertada (CORREIA, 1974, p.78).

Para Galvão, as festas seriam expressões de rituais de grupos sociais que dá significado a totalidade da vida da comunidade onde se realiza, é como uma ruptura, de uma rotina ou de um cotidiano, a festa adquire símbolos incorporados à

tradição (GALVÃO, 2008, p.33). Assim, cada festa possui uma identidade que é reafirmada fortificando suas fronteiras simbólicas, como ocorre com as festas religiosas. Logo, a religiosidade é, pois, a relação com o divino, é o modo como a pessoa se conecta com o que acredita; por isso ela serve como intermediário entre a razão e as angústias mais profundas das pessoas (GALVÃO, 2008, p.35).

Porém, para Tonini os aspectos profanos se revelavam especialmente que se revelava principalmente durante as celebrações das festas religiosas. Festas marcadas pelas exterioridades, como músicas, alto-falantes, foguetes, jogos pirotécnicos, danças, muita bebedeira e não raro, mortes (TONINI, 1996). Aquela mistura do sagrado com o profano, a falta do controle clerical das festas era vista como ameaças às medidas reformadoras pretendidas pelos representantes da Igreja. Ao mesmo tempo, revelava ao missionário o quanto o culto litúrgico era fraco no sertão, já que o fiel pouco frequentava a igreja e pouco valorizava os sacramentos.

Como atenta Mônica Martins da Silva (2001), as festas religiosas populares em Goiás, como a de Pirinópolis, sofreram diversas interferências religiosas eclesiais, a partir da segunda metade do século XIX. Esse processo de clericalização no extremo norte de Goiás teve início com a chegada dos missionários da Divina Providência, nas palavras do padre Tonini:

Aquele cristianismo de uso pessoal que ia da pia do Batismo ao altar de Santo Antônio; aquele complexo de procissões tradicionais, com capas, véus, ostentando imagens encarunchadas, estandartes empoeirados, pálios rasgados; aquelas festas e festejos que de sagrado só tinha a Bênção Eucarística, sendo todo o resto uma montagem econômica que terminava quase sempre em festas dançantes, não servia mais aos homens do século XX, embora vivendo entre as selvas, sem estradas e automóveis, sem rádio e televisão (TONINI, 1996,71).

Na concepção o padre Tonini (1996) o catolicismo na região não tinha bases profundas. Na descrição da festa religiosa encontramos vários elementos de discórdia entre os missionários e os fiéis. Nela, o missionário ressaltou a presença da exterioridade nas manifestações da fé dos católicos, além do comércio, da música e da dança. Percebe-se que o sentido do festejar para os fiéis, não convergia com a dos padres missionários. No horizonte de expectativa do sacerdote, as festas católicas ficariam restritas apenas à celebração das “santas” missas, distribuição dos sacramentos, cânticos e procissões. Nada de foguetório, danças,

bebidas e comércio, enfim, todos vistos pelos missionários como elementos profanos presentes na festa religiosa e que deveriam ser rompidos.

Eliade destaca o sagrado e o profano como dois modos distintos de ser no mundo, capazes de promover mudanças espaciais (2001, p.20). Esta distinção entre os espaços passaria pela experiência do espaço sagrado em oposição à do espaço profano. Já Durkheim (2003, p.22-23) afirma que todas as crenças religiosas supõem a divisão do mundo em dois domínios separados e rivais: o sagrado e o profano, isto é esta divisão bipartida do universo constitui o característico do fenômeno religioso. Na leitura que Bourdieu (2007, p.47) fez de Weber atentou, contudo, que o fundamento da oposição entre sagrado e profano e, paralelamente, entre a manipulação religiosa legítima e a oposição profana e profanadora do sagrado está na oposição entre os detentores do monopólio da gestão do sagrado e os leigos. Estes são definidos como profanos, porque ignorantes da religião, estranhos ao sagrado e ao corpo de administradores do sagrado.

Segundo Bourdieu, caberia, portanto, ao corpo de especialistas do sagrado, o controle dos bens da salvação. Assim, não haveria espaço para crenças religiosas legitimadas fora do controle do corpo de especialistas, porque são eles que definem o que é a verdade, ou seja, têm condições de validar crenças e de relegar outras. “Toda crença dominada está fadada a aparecer como ‘profanadora’ na medida em que pela sua própria existência (...) constitui uma contestação objetiva do monopólio da gestão do sagrado” (BOURDIEU, 2007,45).

2.2 Indignação do Missionário Frente a Situação de Pobreza Econômica e Religiosa na Região

Nas primeiras narrativas dos missionários apareceram às imagens da região decadente, precária, ignorante onde tudo precisava ser feito: expandir o catolicismo e impor a hierarquia eclesiástica, reforçar a tutela da Igreja oficial sobre o fiel, combater os “protestantes” e “civilizar” os sertanejos. Historicamente, as instituições religiosas oficiais sempre tentaram controlar os conflitos internos. No caso dos missionários, inseridos nos princípios da reforma religiosa estava inclusa à “civilizadora”. Eles buscaram impor a “monopolização da gestão dos bens da

salvação”. Em nome da Igreja, procuraram definir o que era a verdade, validando algumas crenças e desqualificando outras.

Em Tocantinópolis os missionários encontraram um cenário não muito animador. De acordo com Tonini (1996, p.11) “cerca de três mil pessoas habitavam em choupanas e casas de taipa”. As construções de tijolos, sinal de riqueza e prestígio social, eram poucas e mal conservadas, restritas à rua principal. Inclusive a casa dos missionários era de taipa, “coberta de telhas e sem forro”. O panorama da cidade também não lhes parecia acolhedor: “à entrada, nas cabanas, constatava-se a miséria; crianças nuas e magras, que rolavam pela terra, divertindo-se com o cão, com o gato, com o porquinho (...)” (TONINI, 1996, p.45).

Quanto à escola que deveria estar preparando os sertanejos para a chegada dos “novos tempos” também estava numa situação caótica: “grupos de crianças sentadas sobre restos de bancos (...) outros em pé ou agachadas (...) passavam duas ou três horas ao dia, em local úmido e sujo (...)” (TONINI, 1996, p.10). A professora “perdia mais tempo em pedir silêncio aos impertinentes do que em ensiná-los”. Os alunos, além de “pálidos e magros” tinham sinais de várias doenças, como os da “malária, da verminose e da sífilis congênita”. Crianças e jovens com acesso a precárias escolas, com carteiras quebradas ou inexistentes; alunos pálidos, magros, desconcentrados, mal acomodados e professores mal preparados.

As condições higiênicas, segundo Tonini (1996,25-26) eram precárias, a mortalidade infantil era alta, o mesmo relata que cerca de 25% das crianças não chegavam a nascer, outros 25% morriam nos seus primeiros anos de vida, devido a fraca alimentação da mãe, o leite materno, logo escasseava, daí seria dado a criança papas muito pesadas, para a idade, ocasionando em problemas intestinais, que levava a morte e a maioria não recebiam o batismo, fato que para o padre seria um absurdo.

Enfim, uma região precária, instável, caótica e desoladora. Uma população miserável, desnutrida, com sinais de verminose e vulnerável a diversas doenças endêmicas que grassavam pela região. Já a casa paroquial “escura, descascada, velha, pobre e úmida de fazer medo” (TONINI, 1996, p.23). O que destoava dessa precariedade toda era a igreja de Tocantinópolis, esta causou uma “boa impressão”, pois havia sido reformada e ampliada pelo padre João de Souza, entretanto, era pouco freqüentada pelos católicos. Porém, aquela construção também constituía

uma exceção, pois a de Filadélfia apresentava-se como um prolongamento da vila em toda a sua pobreza: “aos primeiros raios do sol [Filadélfia] aparecia em toda a sua majestosa pobreza. Casinhas, cabanas, grandes árvores frutíferas (...). A igrejinha humilde, baixa sem bancos. Estava cheia de gente e de sol” (TONINI, 1996, p.21) O sol ou o clima quente e úmido levou os missionários a associar Tocantinópolis a “caldeirão”. Caldeirão em ebulição lembrava o inferno.

2.3. As profecias do fim do mundo: a feiticeira do bosque e o negro do dilúvio

O catolicismo Romanizado pode ser datado a partir de 1858. É o movimento de reestruturação interna da Hierarquia Eclesiástica com finalidade de reforçar seu poder espiritual, reafirmando os cânones de fé e moral, implicando no rigor Doutrinal, Moral e Hierárquico. Este catolicismo teve como principais divulgadores os religiosos missionários, o efeito da romanização aparece, como um processo de repressão clerical a qualquer tipo de religiosidade do povo, a intenção era afugentar os fiéis de qualquer tipo de manifestação que fosse fora do catolicismo oficial (OLIVEIRA, 1979, p.72).

Os missionários do catolicismo têm como meta combater o catolicismo popular:

Para a burguesia agrária, como para os Bispos e Clérigos, a luta contra o catolicismo Popular, apresentava-se com uma luta contra a ignorância, o fanatismo, as superstições, as crenças atrasadas, as práticas imorais. O combate aparecia como uma missão educativa a ser desempenhada pelo aparelho religioso, para elevar o nível cultural e religioso das grades massas populares (OLIVEIRA, 1980, p. 180).

Como vimos, o objetivo do catolicismo oficial, era de eliminar qualquer produção com culto popular, neste sentido fica claro de observar uma visão de preconceito sobre a religiosidade do povo. Religiosidade popular de acordo com Edilece Couto é a forma com que o povo pratica a religião, pode ser entendida também como um conjunto de sobrevivência, o povo recebia a mensagem cristã e incluía elementos de outras práticas religiosas, imbricadas com traços de cristianismo (COUTO, 2004, p. 41).

Na segunda metade de 1952, precisamente em agosto, Padre Quinto Tonini, partiu sozinho para Araguaína, ao entrar na casa onde havia se hospedado em

junho, junto com o Bispo para a festa do Sagrado Coração de Jesus, notou uma frieza, a dona da casa preparou uma ceiazinha modesta, marido sentou-se ao lado do padre e muito preocupado disse que uma “velha feia como o bicho papão, maligna inventou uma história de uma cruz caída do céu no meio da mata” (TONINI, 1959, p.47.) Enfim, uma cinquenta famílias já estariam morando lá na jacuba com a velha e ela ameaça a população com a besta fera, para quem não a seguisse. Padre Tonini relata:

Eu, para falar a verdade, não tenho nem mesmo muita pena dos feiticeiros, que são uma raçazinha infernal; porém nossa Santa religião nos ensina que também a sua alma penada e enfumaçado foi remida pelo Sangue de Cristo. A Igreja, portanto, tem o dever de fazer o possível para salvá-la das unhas eternas do diabo (TONINI, 1959, p. 69).

Durante a celebração da missa, na manhã seguinte, padre Tonini procurou desqualificar a profecia de fim de mundo e a própria velha. Em seguida à celebração ele foi convidado por quatro homens a ir até o Rio Jacuba, para confessar uma velhinha. Tonini irrequieto perguntou para um dos homens que o acompanhava, se alguém o conhecia, um deles respondeu, “aquela velha é a mesma da cruz caída do céu, aquele povo são os seus seguidores, que dentro de poucos dias irão se juntar aos outros, no centro da floresta, rezam muito, para que a “besta fera” não como todos nós aqui”. (TONINI, 1959, p.49). O Padre Tonini percebeu que havia sido enganado pelos homens. Ficou muito indignado e triste pois não entendia como aquela gente simples e fervorosa que deixou em sua memória a saudade das recepções a dois meses atrás, pudesse fazer tamanha infâmia. Tonini sofreu uma grande desilusão, pegou a imagem do Sagrado Coração e abandonou Araguaína (TONINI, 1959, p.51-52).

Mais tarde, Padre Mecozzi, quis visitar a serra (atual Pé do Morro), para onde a velha tinha levado seu povo, padre Tonini o acompanhou e questionou a velha: “porque enganaste todo o povo com tamanha superstição”? Dona Antônia simplesmente respondeu que apenas ensinou a santidade e a verdade, e que já estava salva e que não tinha pecados, não gostava de sacerdotes, porque eles são pecadores, e que tanto ela como todos da região já estavam salvos pelo poder do Padre Cicero (TONINI, 1996, p.142). Imagina a indignação do padre Tonini! Em suas

palavras: “o povo daqui é muito ingênuo e acredita mais em bobagens que na verdade divina” (TONINI, 1996, p. 47).

A profecia do negro do dilúvio Tonini disse que a conheceu através de suas andanças durante as desobrigas. O negro, era um homem de cabelos e barba comprimido, que pregava que dentro de alguns meses o mundo iria acabar, seria necessário construir barcos de pau de buriti para se protegerem. Ele arregimentava seguidores e para alimentá-los abatia bois e vacas dos fazendeiros locais (TONINI, 1996, p.60).

Francisco Bithencourt (2004, p.173) ao analisar o imaginário da magia em Portugal no século XVI chamou a atenção para a concepção da elite religiosa sobre o conhecimento do oculto. Na perspectiva da hierarquia religiosa, este só poderia provir de três fontes: “do estudo e do saber humano (limitado à cultura escrita); da revelação divina (reservada aos santos, beatos, (...) tocados pela Graça); da intervenção diabólica (à exceção da profecia e da visão de origem divina, toda a adivinhação é uma arte diabólica) ”.

Portanto, para Tonini (1996, p. 47) era bastante clara a fronteira entre a virtude de Deus e a arte diabólica. Como a “velha feiticeira” e o “negro do dilúvio” eram analfabetos, excluiu-se a possibilidade de que eles tivessem adquirido o saber humano, circunscrito aos parâmetros definidos pela cultura escrita. Aqueles “ignorantes” também não poderiam ter se beneficiado pelo favor divino, uma vez que a velha não tinha credibilidade, não passava de “mulher de rua, desonesta e beberrona”. Quanto ao negro, também era pecador e não poderia ter sido tocado pela graça divina, porque era sujo, folgado e preguiçoso (TONINI, 1996, p.69). Eles só poderiam ser uma “raçazinha infernal”, pelo fato de perturbar a ordem social, ao explorar a ignorância e as superstições dos sertanejos e viver nas matas na beira dos rios sem trabalhar.

Contudo, em suas análises Bithencourt (2004, p.132-133) ressaltou as fontes de água como um local simbólico importante para os feiticeiros. Por ser a água associada à origem da vida, do poder, da graça e do saber era tida como um dos lugares privilegiados não só para complementar à “elaboração de ritos mágicos, mas sobretudo como lugares propícios à ocorrência de sonhos reveladores, visões e aparições” Estes aspectos simbólicos das fontes não foram estranhos à “feiticeira do bosque” e ao “negro do dilúvio”. Foi a partir da fixação daqueles personagens nas margens dos rios Jacuba e Gameleira que receberam “diretamente do céu” o aviso e

transformaram-se em propagadores dos desígnios divinos. Como símbolos desse poder divino do qual foram agraciados a primeira apresentava uma cruz caída do céu e o segundo uma garrafinha de lágrimas apanhada diretamente no céu (RONINI, 1996, p.)

Para além das tipificações reducionistas e preconceituosas, a narrativa de Tonini aponta para a expectativa de romper com as práticas e crenças religiosas concorrentes. Especialmente aquelas situadas dentro do próprio catolicismo. Segundo Pierre Sanchis (Apud AZZI, 2008. p.15), o que a Igreja buscava era “(re)conquistar o campo social para a sua própria influência”. Para tal, a região precisava da presença do missionário no seu cotidiano, enfim, tudo era precário, pobre, doente, caótico porque ignorante, supersticioso e até aquele momento sem a “tutela” da Igreja no espaço social.

Para Tonini, a “fé goiana” poderia ser comparada com um diamante bruto que precisava ser lapidado, para expor toda a beleza dos cristãos do sertão. Esta analogia entre princípios, vivências religiosas e pedras preciosas, na visão de Tonini sobre a “fé goiana”, talvez tenha se inspirado em D. Orione, para quem os mais miseráveis eram considerados diamantes e cristais. Uma alusão à bíblia onde afirma que “os pobres herdarão os céus”. Mas talvez pudesse estar associada às riquezas minerais do norte goiano, com muitas áreas de garimpo e grandes expectativas de que em seu solo se esconderia riquezas incalculáveis. Por último, talvez prevalecesse no missionário uma concepção de religião primordial, de pureza religiosa que existiria abaixo da casca da cultura.

Lapidar a “fé goiana” estava no horizonte de expectativa dos missionários, constituía-se no projeto católico e “civilizador” da Igreja no sertão. Lapidar era dar um novo formato, enquadrar, retirar os excessos que prejudicavam a revelação do seu verdadeiro brilho. Nesse sentido, as práticas religiosas “tradicionais” deveriam ser enquadradas dentro do modelo clerical e com clara separação entre sagrado e profano. Na concepção do missionário o projeto a ser implantado no extremo norte de Goiás incluso à “catolicização” estava o de “civilização”, compreendida como um processo de maior controle social exercido pela Igreja e pelo Estado.

3 OS RESENTIMENTOS DO PADRE QUINTO TONINI: O COMBATE AOS PROTESTANTES E SEU EXÍLIO

3.1 O Combate aos Protestantes

O catolicismo é antes de tudo a história da fé e das crenças vividas pelo povo (HOOANERT,1978, p.9). O catolicismo oficial assumiu nos três primeiros séculos a sua formação histórica, lembrando que de caráter obrigatório, era praticamente impossível viver no Brasil sem ser católico. A Igreja no Brasil entre 1550-1800, era controlada pelo padroado, houve também as organizações das dioceses e paróquias, que apesar de ser lenta introduzia o catolicismo na sociedade.

De acordo com Eduardo Hoonert, o catolicismo é o “cimento” que une nação, é como um laço que prende a todos, das raças as mais diversas, que compõem a nacionalidade. no Brasil a principal ordem religiosa que trabalhou diretamente na catequese do nativo foram os jesuítas. O catolicismo oficial significa principalmente a sacralização da nova sociedade implantada no Brasil pelos os portugueses, é uma forma de sacralização da ordem estabelecida, sua função principal é de barrar qualquer religiosidade, que não fosse dentro da Igreja Católica. (HOONAERT,1978, p.74).

Segundo Pedro de Oliveira, a década de 1950 foi marcada pelas campanhas empreendidas pelo clero católico contra a chamada “heresia protestante”, as “superstições espíritas”, à maçonaria, as religiões afro-brasileiras e outros sistemas religiosos concorrentes ao catolicismo. Contudo, os efeitos desse combate não foram eficientes, segundo o autor:

A experiência desse combate apologético às religiões concorrentes mostrou que seus efeitos foram mínimos. É que não basta combater um concorrente religioso; para que o combate seja eficaz, é preciso oferecer serviços religiosos em substituição aos que são oferecidos pelas agências concorrentes. Isso requer uma adaptação do sistema religioso à demanda da população, bem como um número muito maior de sacerdotes ou de leigos capazes de assumirem os serviços religiosos à população (OLIVEIRA, 1971, p. 560).

Esta luta do clero católico contra as vertentes religiosas concorrentes, contudo, foi segundo o sociólogo Pedro de Oliveira, infrutífera porque faltou pessoal

qualificado para oferecer serviços religiosos aos fiéis: sacerdotes e leigos. Mas isso ocorreu no Brasil todo? Torna-se necessário, contudo, analisar esta disputa num local específico e só depois avaliar seus resultados. Nossa hipótese vai, contudo, em outra direção. Numa região marcada pela distância e pela dificuldade de atuação mais efetiva do Estado, as ações que os missionários católicos empreenderam conjugavam atuação pastoral paroquial, missionária e filantrópica. Estes instalaram escolas paroquiais, distribuíram remédios, construíram postos e treinaram agentes de saúde. Aos poucos, igrejas foram sendo construídas ou reformadas e serviços religiosos, educacionais e sociais ofertados. Em apenas uma década esses serviços contribuíram para melhorar a vida dos habitantes do extremo norte de Goiás e significou a manutenção do vale do Tocantins católico.

Padre Tonini (1996, 73), via os protestantes como representantes da mentira, daí a necessidade de criar grupo de catequistas especializadas para injetar as verdades divinas nos fiéis. De qualquer forma, aqui, e ali se ouvia alguma voz que fazia os missionários sentirem-se humilhações (TONINI, 1996, p. 72).

Sérios aborrecimentos, com seus cultos nas estradas e suas escolas bem organizadas. O comunismo não alardeava muito forte, porque estava fora das leis, porém trabalhava sob a água. Aquele halo de curiosidade que sempre circunda as coisas proibidas atraía os espíritos mais inquietos e atrevidos...o cristianismo daquela sociedade era um pouco como uma capa de chuva, mas deixa transparecer todos os vícios de uma vida liberal e semipagã subposta (TONINI, 1996, p. 71).

Na luta contra os protestantes, quando Padre Tonini chegou a Babaçulândia, encontrou mais problemas: a única igreja boa e bem organizada era aquela dos protestantes. Pe. Tonini relata:

O pastor não se preocupava muito com o proselitismo; estava mais preocupado no bom progresso de sua "fazenda" do que com o andamento da grei. Mas a professora era uma verdadeira hiena...todos os católicos, indistintamente, simpatizavam com os sequazes de Lutero, por causa de sua Igreja, da sua escola bem organizada, e por alguns teatrinhos que proporcionavam a única diversão semestral daquele povo. (TONINI, 1996 p.160).

Tonini havia organizado um posto de saúde e abriu uma escola Paroquial, para os pobres com a intenção de afastar de vez os adversários, havia reforçado ainda a Associação do Apostolado da Oração, iniciou também uma Cruzada

Eucarística, decidiu então desfechar abertamente o último ataque a heresia. Ele recordava aos católicos que, em se tratando de religião e de educação, não poderia haver nada com os protestantes. Tonini proibiu que os pais enviassem seus filhos para a escola protestante, pois já existia a escola católica e a do município. Para fazer valer sua vontade, ameaçou os que desobedecessem de exclusão, ou seja, quem colocasse o seu filho na escola que propagava a heresia, seria considerado pela Igreja católica como pecador público, seria também excluídos de todos os sacramentos (TONINI, 1996, p.160).

Imagina o impacto dessa decisão entre as famílias em Babaçulândia, deixando muitas famílias perplexas. Os protestantes, é obvio, começaram a agitar, já que foram atingidos tão fortemente, puseram-se a dizer que o Padre estava louco. Mas os apoiadores de Tonini fizeram um trabalho perfeito, com a Cruzada Eucarística, acabaram reduzindo os protestantes ao mínimo, ou seja, a escola ficou apenas com os filhos da heresia (TONINI, 1996, p.161).

Um dia vários alunos do padre, em Araguaína, informaram que haviam chegados os protestantes e aberto escolas gratuitas para os pobres, havia mais ou menos seis centros de infestação. Para combater “aquela raça de demônios que fez da pregação do erro um meio de vida”, chamou os mais inteligentes de seus alunos e pediu que dessem duas horas de aula por dia, ensinando meia hora de catecismo e meia hora de cuidados com os doentes. Era necessário combater os inimigos com as mesmas armas (TONINI, 1996 p.139). Para Tonini, aquilo era uma “guerra santa”, ele acreditava poder ajudar o povo a defender a única riqueza que eles possuíam: a sua fé (TONINI, 1996, p.140). A repercussão dessa decisão foi grande, em poucos dias, as escolas protestantes foram extintas por falta de alunos.

3.2 O exílio: Os Ressentimentos do Padre Quinto Tonini

Para a análise afigurou-se indispensável, introduzir perspectivas teóricas centradas nas relações de poder dentro de um espaço “comum”, de um “campo”, compreendido como lugar das lutas, enfrentamentos e possibilidades de distinção e triunfo pessoal. Bourdieu (1990, p.120) aponta para a ideia de um espaço em que ocorrem as relações entre os indivíduos, os grupos e estruturas sociais, espaço dinâmico e organizado em torno do conjunto de forças e regras, espaço que legitima

os que o constitui e ao mesmo tempo é animado pelas disputas ocorridas no seu interior. Os conflitos e tensões no interior do “campo” apontam para a dinamicidade do mesmo e tornam possível compreender, de um lado, as questões comuns a propósito das quais aqueles sujeitos lutaram, e, de outro, como, cada um agiu, na sua trajetória, para se sobressair dentro do “campo” como lutou “pela imposição da definição do jogo e dos trunfos necessários para dominar esse jogo” (BOURDIEU, 1990, p.120).

Logo, o “campo” tanto marca, identifica e legitima seus integrantes quanto alimenta as estratégias de distinção pessoal. Estas são compreendidas como recursos empreendidos por quem deseja sobressair-se, sobrepor-se e distinguir-se no seu interior. Vamos aos fatos, o exílio do padre Tonini.

Um padre contemporâneo e amigo de Tonini busca explicações para o exílio do padre Tonini no Uruguai, em 1959. De acordo com Padre Remígio Corazza que foi missionário na região e também foi retirado da missão no final dos anos de 1950, o slogan paulino “*é bom desejar ser bispo*” era notório entre os missionários e não faltavam pretendentes, embora todos soubessem que já havia o escolhido pela cúpula à espera.

Na época, Tonini era o prelado, todavia o Vigário Geral da Congregação, Pe. Parodi tramava sua retirada da missão. Nas palavras de Corazza: “Acredite quem quiser. Já estava tudo decretado. Não era possível que aquilo fosse verdade. Desmoronava tudo, um trabalho feito com tanto amor e sacrifício”. Pe. Tonini, apoiado pelo padre Corazza, na paróquia de Filadélfia e pelo Pe. Pacífico, em Araguaína representavam os missionários mais dinâmicos da missão “orionita” no extremo norte de Goiás. Suas narrativas carregam tanto os sentimentos que motivaram a missão quanto as dores e ressentimentos com relação ao Vigário Geral, Padre Parodi.

Em 1959, Padre Tonini foi exilado no Uruguai. Os motivos desse exílio ainda não foram devidamente esclarecidos. No Uruguai, Tonini organizou seus relatos sobre aquela experiência missionária no Brasil em caderno datilografado e encadernado (1959). Depois, ele enviou o que chamou de “datiloscrito” ao Diretor Geral Dom Carlos Pensa, sucessor de Dom Orione, na Congregação, para que fosse traduzido e publicado. Não saiu. Este livro só foi publicado em 1996.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na leitura da obra, um primeiro reconhecimento é o de que a narrativa do autor, embora singular, encontra-se conectada a uma rede discursiva que envolvia autores produtores de literatura de viagem, estrangeiros e nacionais, que moraram ou circularam pela região. Todos preocupados em observar, descrever, conhecer, significar e produzir narrativas que dão a conhecer os lugares, as pessoas, os modos de viver na região. Ora, o que se observa de imediato no texto do padre Tonini é a postura comum de estranhamento do “civilizado”, do “culto” diante de uma população “atrasada” e “inculta”; de uma suposta neutralidade e uma pretensa objetividade diante do objeto observado; da presunção de maior lucidez da pessoa de “fora” na identificação dos problemas encontrados. Enfim, como os demais autores de livros de viagem, Tonini compartilha com eles o sentimento de identificação com a civilização europeia e seus padrões de avaliação dos homens (e das mulheres) a de sua produção, de acordo com o êxito ou o fracasso.

O “imenso território” apareceu aos olhos dos missionários como um primeiro obstáculo, colocando em confronto o espaço de experiência e o horizonte de expectativa. A experiência é ao mesmo tempo fruto de uma vivência pessoal e interpessoal. Assim, ao entrar em contato com a população local os missionários foram agregando informações e enriquecendo suas experiências e (re) elaborando suas expectativas.

Ao direcionar o olhar para palavras esquecidas, impregnadas de emoções e paixões; para o efêmero, o insignificante, exatamente, para aquilo que durante muito tempo foi excluído, desconhecido e apagado da história, “o irrisório, o ‘invisível’, o não visto [...] paixões esquecidas, afetos desaparecidos, ambientes sonoros” (LANGUE, 2006, p.27), foi possível recuperar parte das sensibilidades do passado. Para além das tipificações reducionistas e preconceituosas, a narrativa de Tonini aponta para a expectativa de romper com as práticas e crenças religiosas concorrentes e (re) conquistar o campo social para o controle e direção da igreja católica, para tal, todos os esforços deveriam ser empreendidos.

REFERÊNCIAS

_____. **Os Filhos da Divina Providência**. Disponível em: <<http://www.orionitas.com.br/filhos-da-divina-providencia.php>>. Acesso em: 20 abr. 2017.

_____. Primórdios da catequese: arranjos do período colonial e imperial. In: PASSOS, Mauro (Org). **Uma História no Plural: 500 anos do movimento catequético brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1999, p.15-32.

ALVES, Rubem A. **O que é religião**. 6 ed. São Paulo: brasiliense, 1984 Primeiros Passos.

ARANTES, Antônio Augusto. **O que é cultura popular**. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1985 Primeiros Passos.

ATAS DO APOSTOLADO DA ORAÇÃO DE TOCANTINÓPOLIS, mês fevereiro, 1952, p.23b.

AZZI, Riolando; GRIJP, Klaus van der. **História da Igreja no Brasil: Terceira Época (1930-1964)**. Petrópolis: Vozes, 2008.

AZZI, Riolando. As Romarias no Brasil. **Revista de Cultura Vozes**. Ano 73, n.4, mai/1979, p.39-55.

BITHENCOURT, Francisco. **O imaginário da magia: feiticeiras, advinhos e curandeiros em Portugal no século XVI**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

BLOCH, Marc. **A apologia da História: Ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BURKE, Peter. **A escrita da história**. São Paulo: UNESP. 1992.

CORAZZA, Remígio. **Silêncio Prudente**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2000.

CORREIA, Aldenora Alves. **Boa Vista do “ Padre João”**. Goiânia: s. ed, 1974.

COUTO, Edilece Souza. **Tempo de festas**: Homenagens a Santa Barbara, N.S^a.da Conceição em Salvador (1860-1940). Assis: UNESP, 2004.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Lisboa: DIFEL, 1990.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

EQUIPE DA REGIONAL CENTRO OESTE – CNBB. Artigos sobre a Prelazia de Tocantinópolis: **“Ano jubilar”** 1954-1979. Goiânia- Go: ED. Helga Artes Gráficas. 1979.

FESTA, Nilson Luiz. **Catolicismo**: Religiões e Crenças. Editora Minuano LTDA, 2005. Coleção Aprenda Já.

FOLI, Teresinha de Jesus Nóbrega. **Mosaíco de uma História**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2001.

GALVÃO, Ediane. **Reconstituição histórica do culto a nossa senhora Aparecida em Araguaína**. Festejos da capela do setor Noroeste. Monografia de final de curso. Araguaína, UFT, 2008.

HOONAERT, Eduardo. **A igreja no Brasil colônia**: 1550-1800. 2 ed. São Paulo: Brasiliense, 1984. Tudo é História.

HOONAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro**: 1550-1800. 2 ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1978.

LANGUE, Frédérique. **O Sussurro do Tempo**: Ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidade Brasil-França. In: ERTZOGUE, Marina Haizenreder; PARENTE, Temis Gomes (orgs). História e Sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5^a ed. Campinas –SP:Unicamp,2003.

MATOS, Maria Izilda Santos. **Paisagens da alma: fisiognomonia, sensibilidades e subjetividades.** In: RAMOS, Alcides Freire & PATRIOTA, Rosângela (Org.). Paisagens subjetivas, paisagens sociais. São Paulo: Hucitec, 2012. p.310-327.

MUNIZ, Diva do Couto Gontijo. Escrever, verbo de localização: Modos de ver, sentir e existir de uma educadora alemã no Brasil oitocentista. In: RAMOS, Alcides Freire & PATRIOTA, Rosângela (Org.). **Paisagens subjetivas, paisagens sociais.** São Paulo: Hucitec, 2012. p.310-327.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro. Coexistência das Religiões no Brasil. **Revista Vozes de Cultura.** N.7. setembro, 1971, p. 560.

_____. **Revista “Pequena Obra da Divina Providência”.** Junho de 1962. Ano VI, n.37.

SANTOS, Nádia Maria Weber. Entre a solidão e o fiord: as paisagens subjetivas de Edvard Munch. In: RAMOS, Alcides Freire & PATRIOTA, Rosângela (Org.). **Paisagens subjetivas, paisagens sociais.** São Paulo: Hucitec, 2012. p.223-245..

SILVA, Mônica Martins da. As fronteiras da fé nos domínios das festas: sociedade, igreja e romanização em Pirinópolis (1890-1950). In: **Fragmentos de Cultura. Goiânia.** V.11. n.2, març./abr.2001. p.203-228

TONINI, Quinto. **Dom Orione entre diamantes e cristais:** cenas vividas pelos missionários de Dom Orione nas matas do Norte de Goiás-Brasil. Fortaleza: Expressão Gráfica, 1996.